

MOHAMEDOU OULD SLAHI

O diário de Guantánamo

Organização

Larry Siems

Tradução

Donaldson M. Garschagen

Paulo Geiger



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do diário e das anotações do diário © 2015 by Mohamedou Ould Slahi
Copyright da introdução e das notas © 2015 by Larry Siems

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Guantánamo Diary

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

©SAUL LOEB/AFP/Getty Images

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Marise S. Leal

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Slahi, Mohamedou Ould

O diário de Guantánamo / Mohamedou Ould Slahi; organização Larry Siems; tradução Donaldson M. Garschagen, Paulo Geiger. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: Guantánamo Diary.

ISBN 978-85-359-2600-2

1. Afeganistão, Guerra do, 2011 – Prisioneiros e prisões americanas 2. Guantánamo Bay Detention Cam – Biografia 3. Guerra contra o terrorismo, 2001-2009 – Biografia 4. Prisioneiros de guerra – Estados Unidos – Diários 5. Slahi, Mohamedou Ould – Diários I. Siems, Larry. II. Título.

15-03827

CDD-909.831

Índice para catálogo sistemático:

1. Prisão de Guantánamo: Prisioneiros de guerra: Diários 909.831

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Uma linha do tempo da detenção	11
Notas sobre o texto, censuras e anotações	15
Introdução — <i>Larry Siems</i>	19

1. Jordânia-Afeganistão-GTMO <i>julho de 2002-fevereiro de 2003</i>	63
--	----

ANTES

2. Senegal-Mauritânia: <i>21 de janeiro de 2000-19 de fevereiro de 2000</i>	137
3. Mauritânia: <i>29 de setembro de 2001-28 de novembro de 2001</i>	175
4. Jordânia: <i>29 de novembro de 2001-19 de julho de 2002</i>	219

GTMO

5. GTMO: <i>fevereiro de 2003-agosto de 2003</i>	263
6. GTMO: <i>setembro de 2003-dezembro de 2003</i>	339
7. GTMO: <i>2004-2005</i>	384

<i>Nota do autor</i>	453
<i>Agradecimentos do organizador</i>	455
<i>Sobre os autores</i>	459

1. Jordânia-Afeganistão-GTMO

Julho de 2002-fevereiro de 2003

A equipe americana assume o comando... Chegada a Bagram... De Bagram para GTMO... GTMO, o novo lar... Um dia no paraíso, o dia seguinte no inferno.

██████████, ████████ de julho de 2002, dez da noite*

* Fica claro, a partir de uma data não censurada algumas páginas mais adiante do manuscrito, que a ação tem início tarde da noite de 19 de julho de 2002. Manuscrito MOS, 10. Uma investigação do Conselho da Europa confirmou que um jato da Gulfstream arrendado pela CIA com número de cauda N379P tinha partido de Amã, Jordânia, às 11h15 daquela noite para Cabul, Afeganistão. Um adendo a esse relatório de 2006 com a lista dos registros do voo está disponível em: <http://assembly.coe.int/CommitteeDocs/2006/20060614_Ejdoc162006 PartI-Appendix.pdf>.

OBSERVAÇÃO DO ORGANIZADOR SOBRE AS NOTAS DE RODAPÉ: Nenhum dos advogados de Mohamedou Ould Slahi com acesso a documentos confidenciais revisou as notas de rodapé deste livro, para elas contribuiu de alguma forma, ou confirmou ou contestou minhas especulações nelas contidas. Nem qualquer outra pessoa com acesso ao manuscrito não censurado revisou as notas de rodapé, para elas contribuiu de alguma forma, ou confirmou ou contestou minhas especulações nelas contidas.

A música tinha acabado. As conversas dos guardas iam sumindo. O caminhão esvaziou-se.

Me senti sozinho num carro funerário.

A espera não durou muito. Percebi a presença de gente nova, uma equipe silenciosa. Não me recordo de uma simples palavra dita durante a extradição que se seguiu.

Uma pessoa estava abrindo as correntes em meus pulsos. Libertou o primeiro braço, e outro sujeito agarrou esse braço e o dobrou enquanto um terceiro colocava algemas novas, mais firmes e mais pesadas. Agora minhas mãos estavam acorrentadas à minha frente.

Alguém começou a cortar minhas roupas com algo parecido com uma tesoura. O que eu sentia era: “O que diabos está acontecendo aqui?”. Comecei a ficar preocupado com essa viagem que eu nunca tinha querido nem iniciado. Alguma outra pessoa estava decidindo tudo por mim; eu tinha todas as preocupações do mundo menos a de tomar uma decisão. Muitos pensamentos passaram rapidamente por minha cabeça. Os pensamentos otimistas sugeriam: Talvez você esteja nas mãos dos americanos, mas não se preocupe, eles só querem levar você para casa, ter certeza de que tudo está sendo feito em segredo. Os pessimistas eram: Você está ferrado! Os americanos deram um jeito de espetar alguma merda em você, e estão levando você para prisões americanas para o resto de sua vida.

Despiram-me até eu ficar nu. Foi humilhante, mas a venda me ajudou a não ter a indecente visão de meu corpo nu. Durante todo o procedimento, a única prece de que me lembrei foi a oração da crise, “*Ya hayyu! Ya kayyum!*”, e eu a balbuciava o tempo todo. Sempre que eu ficava numa situação parecida, eu esquecia todas as minhas orações exceto a oração da crise, que aprendi da vida de nosso Profeta, a Paz esteja com ele.

Um dos membros da equipe pôs uma fralda em minhas partes íntimas. Só então eu tive absoluta certeza de que o destino do

avião eram os Estados Unidos. Agora comecei a convencer a mim mesmo de que “tudo vai ficar bem”. Minha única preocupação era se minha família ia me ver na tv numa situação tão degradante. Eu era tão magrinho. Sempre fui, mas nunca magrinho *assim*: minhas roupas de sair tinham ficado tão folgadas que eu parecia um gatinho dentro de um grande saco.

Quando a equipe dos Estados Unidos terminou de me vestir com as roupas que tinham preparado para mim, um sujeito removeu minha venda por um momento. Não pude ver muita coisa porque ele dirigiu a luz de uma lanterna para meus olhos. Ele abriu a boca e pôs a língua para fora, sinalizando que eu fizesse o mesmo, uma espécie de exame de garganta, que eu fiz sem resistir. Vi parte de seu braço, muito pálido e com pelos louros, o que consolidou minha teoria de estar nas mãos do Tio Sam.

A venda foi puxada para baixo. O tempo todo eu estava ouvindo um forte ruído de motores de avião; acredito muito que alguns aviões estavam pousando e outros decolando. Senti que meu avião “especial” se aproximava, ou que o caminhão se aproximava do avião. Não me lembro de mais nada. Mas lembro que, quando o sujeito que me escoltava me tirou do caminhão, não havia espaço entre o caminhão e a escada do avião. Eu estava tão exausto, enjoado e cansado que não consegui andar, o que obrigou meu acompanhante a me arrastar escada acima como um corpo morto.

Dentro do avião estava muito frio. Deitaram-me num sofá e os guardas me acorrentaram, muito provavelmente preso ao chão. Senti que puseram sobre mim um lençol; apesar de ser muito fino, foi um alívio para mim.

Relaxe e me entreguei a meus sonhos. Fiquei pensando em vários membros de minha família que eu não veria nunca mais. Como eles ficariam tristes! Eu estava chorando em silêncio e sem lágrimas; por algum motivo, derramei todas as minhas lágrimas

no início da jornada, que era como a fronteira entre a morte e a vida. Desejei ter sido melhor para as pessoas. Desejei ter sido melhor para minha família. Lamentei cada erro que havia cometido em minha vida, com Deus, com minha família, com qualquer pessoa!

Fiquei pensando sobre como seria a vida numa prisão americana. Pensei nos documentários que tinha visto sobre as prisões deles, e no modo duro como tratam seus prisioneiros. Pensei que gostaria de ser cego ou ter algum tipo de deficiência, para que eles me pusessem em isolamento e me dessem algum tipo de tratamento humano e proteção. Fiquei pensando. Como ia ser a primeira audiência com um juiz? Teria chance de ter um processo justo num país tão cheio de ódio aos muçulmanos? Já estarei de fato condenado, mesmo antes de ter a oportunidade de me defender?

Mergulhei nesses dolorosos sonhos na tepidez do lençol. De vez em quando me beliscava a dor de uma urgência de urinar. A fralda não funcionou comigo: não consegui convencer meu cérebro a mandar um sinal para minha bexiga. Quanto mais eu tentava, mais o meu cérebro resistia. O guarda a meu lado ficava despejando água de tampas de garrafa em minha boca, o que piorava minha situação. Não tinha como recusar, ou a gente engolia ou engasgava. Ficar deitado de lado estava me matando de maneira inacreditável, mas toda tentativa de mudar de posição resultava em fracasso, pois uma mão vigorosa me empurrava de volta para a mesma posição.

Posso afirmar que o avião era um grande jato, o que me levou a acreditar que o voo era direto para os Estados Unidos. Mas após cerca de cinco horas, o avião começou a perder altitude e tocou suavemente na pista. Eu me dei conta de que os Estados Unidos ficavam um pouco mais longe do que isso. Onde estamos? Em Ramstein, na Alemanha? Sim! É Ramstein: em Ramstein há um aeroporto militar dos Estados Unidos para aviões em

trânsito de ida e volta para o Oriente Médio; vamos fazer uma escala aqui para abastecer. Mas assim que o avião pousou, os guardas começaram a trocar minhas correntes de metal por outras de plástico, que feriram dolorosamente meus tornozelos na breve caminhada até um helicóptero. Um dos guardas, enquanto me puxava do avião, deu-me uma batidinha no ombro como se dissesse: “você vai ficar bem”. No estado de angústia em que eu estava, esse gesto me deu a esperança de que havia alguns seres humanos entre as pessoas que estavam lidando comigo.

Quando o sol bateu em mim, veio novamente a pergunta: Onde estou? Sim, é a Alemanha: era julho e o sol nasce cedo. Mas por que a Alemanha? Eu não cometi nenhum crime na Alemanha! Que merda eles querem atribuir a mim? Ainda assim o sistema legal alemão seria de longe melhor para mim; conheço os procedimentos e falo a língua. Além do mais, o sistema alemão é um tanto transparente, e não há sentenças de duzentos e de trezentos anos. Eu não teria muito com que me preocupar quanto a isso: um juiz alemão vai me encarar e me mostrar o que quer que o governo tenha contra mim, e depois serei enviado a uma prisão temporária até que meu caso chegue a uma decisão. Não serei objeto de tortura, e não terei de ver os rostos maus dos interrogadores.

Após cerca de dez minutos o helicóptero aterrissou e fui levado para um caminhão, com um guarda de cada lado. O motorista e o sujeito que estava a seu lado falavam numa língua que eu nunca tinha ouvido antes. Pensei: Que diabo eles estão falando, filipino, talvez? Pensei nas Filipinas porque estava sabendo da enorme presença militar dos Estados Unidos ali. Oh, sim, são as Filipinas: *elas* conspiraram com os Estados Unidos e jogaram merda em mim. Quais serão as perguntas do juiz *deles*? Por enquanto, contudo, eu só queria chegar e fazer xixi, e depois disso eles podem fazer o que quiserem. Por favor, deixem-me chegar! Pensei: Depois vocês podem me matar!

Os guardas me tiraram do caminhão depois de um percurso de cinco minutos, e parecia que tinham me colocado num salão. Obrigaram-me a me ajoelhar e curvaram minha cabeça para baixo: eu tinha de ficar nessa posição até eles me pegarem. Eles gritaram: “Não se mova”. Antes de me preocupar com qualquer outra coisa, eu dei a mais extraordinária urinada desde que nasci. Foi um alívio tão grande; era como se estivesse sendo libertado e enviado de volta para casa. De repente todas as minhas preocupações desapareceram, e eu sorri por dentro. Ninguém percebeu o que tinha feito.

Cerca de um quarto de hora depois, alguns guardas me puxaram e me arrastaram até um aposento onde obviamente tinham “processado” muitos detentos. Assim que entrei, os guardas tiraram o equipamento de minha cabeça. Oh, como doíam minhas orelhas, e minha cabeça também; na verdade todo o meu corpo estava conspirando contra mim. Quase não conseguia ficar de pé. Os guardas começaram a tirar minhas roupas, e logo eu estava ali de pé nu como minha mãe me pariu. Fiquei lá de pé, pela primeira vez na frente de soldados dos Estados Unidos, não na tv, dessa vez era real. Tive uma reação das mais comuns, cobrir minhas partes íntimas com as mãos. Também comecei a recitar baixinho a prece da crise, “*Ya hayyu! Ya kayyum!*”. Ninguém me fez parar de rezar: no entanto, um dos MPs [policiais militares, na sigla em inglês] me fitava com olhos cheios de ódio. Depois ele me ordenou que parasse de olhar em volta do aposento.

Um [REDACTED] médico me submeteu a um rápido exame médico, depois fui enrolado em roupas afegãs. Sim, roupas afegãs nas Filipinas! É claro que eu estava acorrentado, braços e pernas, a partir da cintura. Além disso, minhas mãos estavam enfiadas em luvas de boxe. Agora eu estou pronto para a ação! Que ação? Nenhuma pista!

A equipe da escolta me arrastou vendado para uma sala de interrogatório vizinha. Assim que entrei na sala, várias pessoas começaram a gritar e a atirar coisas pesadas contra a parede. Naquela confusão, pude distinguir as seguintes perguntas:

“Onde está mulá Omar?”

“Onde está Osama bin Laden?”

“Onde está Jalaluddin Haqqani?”

Uma análise muito rápida me passou pelo cérebro: os indivíduos dessas perguntas tinham liderado um país, e agora eram um bando de fugitivos! Os interrogadores deixaram escapar algumas coisas. Primeiro, eles tinham acabado de me informar das últimas notícias: o Afeganistão fora tomado, mas as pessoas de nível mais alto não tinham sido capturadas. Segundo, eu me reportei mais ou menos à época em que a guerra ao terrorismo começou, e desde então estive numa prisão jordaniana, literalmente desligado do resto do mundo, então como poderia saber sobre a tomada do Afeganistão pelos Estados Unidos, e muito menos sobre a fuga de seus líderes? E menos ainda onde eles estão agora.

Eu respondi humildemente: “Não sei!”

“Você é um mentiroso!”, gritou um deles num árabe estropiado.

“Não, não estou mentindo, eu fui capturado e assim, e só conheço Abu Hafs...”, eu disse, num rápido resumo de toda a minha história.*

* Abu Hafs, cujo nome aparece aqui e em outros pontos do manuscrito não censurado, primo de mos e seu ex-cunhado. Seu nome completo é Mahfouz Ould al-Walid, e é também conhecido como Abu Hafs al-Mauritani. Abu Hafs casou com a irmã da ex-mulher de mos. Foi membro proeminente do Conselho da Shura da Al-Qaeda, principal corpo de consultoria do grupo, na década de 1990, e depois, até os ataques terroristas nos Estados Unidos de 11 de setembro de 2001. Foi amplamente mencionado que Abu Hafs se opôs a esses ataques; a Comissão do Onze de Setembro registrou que “Abu Hafs, o mauritano, teria até

“Devíamos interrogar esses filhos da puta como fazem os israelenses.”

“O que eles fazem?”, perguntou o outro.

“Eles os põem nus e os interrogam!”

“Talvez devêssemos fazer isso!”, sugeri um outro. Cadeiras ainda voavam em volta, chocando-se contra as paredes e o chão. Eu sabia que isso era apenas uma demonstração de força, para provocar medo e ansiedade. Eu me deixei levar e até me abalei mais do que o necessário. Não acreditava que os americanos torturassem, embora sempre tivesse considerado uma possibilidade remota.

“Vou interrogar você mais tarde”, disse um deles, e o intérprete dos Estados Unidos repetiu a mesma coisa em árabe.

“Leve-o para o hotel”, sugeriu o interrogador. Dessa vez o intérprete não traduziu.

E estava terminado o primeiro interrogatório. Antes que a escolta me agarrasse, com medo e aterrorizado, eu tentei fazer contato com o intérprete.

“Onde você aprendeu tão bem o árabe?”, perguntei.

“Nos Estados Unidos!”, ele respondeu, parecendo lisonjeado. Na verdade, ele não falava bem o árabe; eu só estava tentando fazer alguns amigos.

O pessoal da escolta me levou embora. “Você fala inglês”, disse um deles com forte sotaque asiático.

“Um pouquinho”, respondi. Ele deu uma risada, assim como seu colega. Eu me senti como um ser humano conduzindo uma

mesmo escrito uma mensagem para Bin Laden fundamentando no Corão a oposição aos ataques”. Abu Hafs deixou o Afeganistão depois dos ataques de Onze de Setembro e passou a década seguinte em prisão domiciliar no Irã. Em abril de 2012 ele foi extraditado para a Mauritânia, onde foi mantido preso por breve período e depois libertado. Hoje é um homem livre. O trecho pertinente no relatório da Comissão do Onze de Setembro está disponível em: <http://govinfo.library.unt.edu/911/Report_Ch7.pdf>.

conversa trivial. Disse a mim mesmo: Olha como os americanos são amigáveis, eles vão pôr você num hotel, interrogar você durante alguns dias e depois enviá-lo num voo de volta para casa em segurança. Não há espaço para preocupação. Os Estados Unidos só querem verificar tudo, e como você é inocente eles vão acabar descobrindo isso. Pelo amor de Deus, você está numa base nas Filipinas; mesmo sendo uma situação no limite da legalidade, isso é só temporário. O fato de um dos guardas parecer asiático reforçou minha teoria errada de que estava nas Filipinas.

Eu cheguei logo, não a um hotel, mas a uma cela de madeira que não tinha nem banheiro nem pia. Com base no modesto mobiliário — um surrado, fino colchão e um cobertor velho — dava para perceber que alguém tinha estado aqui. De certa forma eu estava feliz por ter deixado a Jordânia, a situação de aleatoriedade, mas estava preocupado com as orações que não poderia fazer, e queria saber quantas orações tinha perdido durante a viagem. O [A]* guarda da cela era pequeno[a], magro[a] e branco[a] ■■■■■, fato que me deu mais conforto: nos últimos oito meses eu só tinha sido tratado por homens grandes e musculosos.**

Perguntei a ■■■■ que horas eram, e ■■■■ me disse que eram aproximadamente onze horas, se me lembro bem. Eu tinha mais uma pergunta.

“Que dia é hoje?”

“Não sei, todo dia aqui é igual”, ■■■■ respondeu. Eu me dei conta de que tinha perguntado demais; ■■■■ parece que não poderia sequer ter me dito a hora, como mais tarde vim a saber.

* Recurso do tradutor para dar aos termos a possibilidade de múltipla flexão do inglês. Esse recurso será adotado em casos semelhantes. (N. T.)

** O contexto sugere que o guarda pode ter sido uma mulher. Ao longo do manuscrito, se nota que os pronomes “ela” e “dela” aparecem constantemente com tarja, e “ele” e “seu” aparecem sem tarja.

Achei um Corão delicadamente colocado sobre algumas garrafas de água. Percebi que não estava sozinho na cela, que com certeza não era um hotel.

Como se constatou depois, eu fora levado à cela errada. De repente, avistei o maltratado pé de um detento, cujo rosto não pude ver porque estava coberto com um saco preto. Sacos pretos, eu logo ia descobrir, eram postos nas cabeças de todos, inclusive o escritor, para vendá-los e torná-los irreconhecíveis. Honestamente, eu não queria ver o rosto do detento, por precaução, caso estivesse com dores ou sofrendo, porque detesto ver pessoas sofrendo; isso me deixa louco. Nunca vou esquecer os gemidos e os gritos dos pobres detentos na Jordânia quando estavam sob tortura. Lembro-me de pôr as mãos sobre as orelhas para parar de ouvir os gritos, mas por mais que tentasse, ainda podia ouvir o sofrimento. Foi horrível, pior ainda do que a tortura.

O [A] guarda ██████ postado[a] na minha porta mandou a escolta parar e organizou minha transferência para outra cela. Era idêntica àquela onde eu estava, mas na parede em frente. No recinto havia uma garrafa de água cheia pela metade, cujo rótulo estava escrito em russo. Gostaria de ter estudado russo. Eu disse comigo mesmo, uma base dos Estados Unidos nas Filipinas com garrafas de água da Rússia? Os Estados Unidos não precisam de suprimentos da Rússia, e além disso, geograficamente isso não faz sentido. Onde eu *estou*? Talvez numa ex-república russa, como o Tadjiquistão? Tudo que sei é que não sei!

A cela não tinha instalações para cuidar das necessidades naturais. Lavar-se para orar era impossível e proibido. Não havia indício para descobrir a *Qibla*, a direção de Meca. Fiz o que pude. Meu vizinho de porta estava mentalmente doente; ele gritava numa língua com a qual eu não era familiarizado. Depois eu soube que ele era um líder talibã.

Mais tarde naquele dia, 20 de julho de 2002, os guardas me arrastaram para um trabalho policial de rotina, impressões digitais, altura, peso etc. Ofereceram-me ██████████ como intérprete. Era óbvio que o árabe não era sua primeira língua. ██████████ ensinou-me as regras: não falar, não rezar muito alto, não se lavar para a oração, e um monte de outros não nessa linha.* O [A] guarda me perguntou se eu queria usar o banheiro. Pensei que se referia a um lugar onde pudesse tomar um banho de chuveiro. “Sim”, eu disse. O banheiro era um barril cheio de excrementos humanos. Era o banheiro mais nojento que já vi. Os guardas tinham de vigiar você enquanto você fazia suas necessidades. Não consegui comer a comida — a comida na Jordânia era, de longe, melhor do que as rações de combate que me davam em Bagram — e assim não precisei de fato usar o banheiro. Para urinar, usava as garrafas de água vazias que tinha em meu quarto. A situação higiênica não era exatamente uma perfeição. Às vezes, quando a garrafa enchia, eu continuava a fazer no chão, cuidando para que não chegasse até a porta.

Nas várias noites seguintes em isolamento, tive um guarda divertido, que ficava tentando me converter ao cristianismo. Eu gostava das conversas, apesar de meu inglês ser o básico. Meu parceiro de conversa era jovem, religioso e enérgico. Ele gostava de Bush (“o verdadeiro líder religioso”, segundo ele); odiava Bill Clinton (“o Infiel”). Gostava do dólar e odiava o euro. Tinha sua cópia da Bíblia com ele o tempo todo, e sempre que surgia uma oportunidade ele lia histórias para mim, a maioria do Velho Testamento. Eu não seria capaz de compreendê-las se não tivesse lido a Bíblia em árabe várias vezes — sem falar que as versões das histórias não estavam tão distantes das do Corão. Eu tinha estudado a Bíblia na prisão jordaniana; pedi um exemplar e eles me

* Novamente, pronomes censurados sugerem que o intérprete era uma mulher.

deram. Foi muito útil para compreender as sociedades ocidentais, mesmo que muitas delas neguem estar sob a influência de livros sagrados.

Não tentei argumentar com ele. Estava contente por ter alguém com quem falar. Ele e eu éramos unânimes em que os livros sagrados, inclusive o Corão, devem ter vindo da mesma fonte. Depois se constatou que o conhecimento que o exaltado soldado tinha de sua religião era muito raso. No entanto, eu gostei que ele fosse meu guarda. Ele me dava mais tempo no banheiro, e até olhava para o outro lado quando eu estava usando o barril.

Perguntei-lhe sobre minha situação. “Você não é um criminoso, porque eles põem os criminosos no outro lado”, ele me disse, gesticulando com a mão. Pensei nesses “criminosos” e imaginei um bando de jovens muçulmanos, e como sua situação poderia ser penosa. Me senti mal. Como se viu depois, fui transferido para esses “criminosos”, e tornei-me um “criminoso de alta prioridade”. Senti uma certa vergonha quando o mesmo guarda me viu depois com os “criminosos”, depois de ter me dito que eu seria libertado em no máximo três dias. Ele agiu normalmente, mas tinha muita liberdade para falar comigo sobre religião ali, por causa de seus inúmeros colegas. Outros detentos me contaram que ele tampouco não era mau com eles.

Na segunda ou terceira noite ██████████ tirou-me ele mesmo ██████████ árabe já tinha tomado assento. ██████████

██████████. Pode-se dizer que era o homem certo para a tarefa: era o tipo de homem que não se incomodaria de fazer o trabalho sujo. Os detentos lá em Bagram costumavam chamá-lo ██████████ dizia-se

que era responsável pela tortura até de indivíduos inocentes que o governo libertava.*

██████████ não precisou me acorrentar porque eu estava acorrentado 24 horas por dia. Eu dormia, comia, usava o banheiro estando todo acorrentado, das mãos aos pés. ██████████ abriu uma pasta em sua mão ██████████ e começou, por intermédio de um intérprete. ██████████ me fazia perguntas genéricas sobre minha vida e meu contexto. Quando me perguntou: “Que línguas você fala?”, não acreditou em mim; ele riu junto com o intérprete, dizendo: “Haha, você fala alemão? Espere, vamos checar”.

Subitamente ██████████ ██████████ o quarto ██████████ ██████████. Não havia engano quanto a isso, ele estava ██████████ ██████████ ██████████. **

“*Ja Wohl*”, respondi. ██████████ não era ██████████ ██████████ mas seu alemão era razoavelmente aceitável, dado que ele passara ██████████ ██████████. Ele confirmou para seu colega que meu alemão era “██████████”.

Depois disso ambos olhavam para mim com certo respeito, embora o respeito não fosse suficiente para me livrar da ira de

* Em sua audiência de 15 de dezembro de 2005 na Junta Administrativa de Revisão (ARB, na sigla em inglês), MOS descreveu um interrogador dos Estados Unidos em Bagram que era americano de origem japonesa e ao qual os prisioneiros de Bagram se referiam como “William, o torturador”. O principal interrogador aqui poderia ser aquele. A transcrição da audiência de MOS à ARB de 2005 está disponível em: <http://www.dod.mil/pubs/foi/operation_and_plans/Detainee/csrt_arb/ARB_Transcript_Set_8_20751-2016.pdf>, p. 23 da transcrição, p. 206 no link. Transcrição da ARB, 23.

** O contexto sugere que o segundo interrogador se dirigiu a MOS em alemão.

██████████. ██████████ me perguntou onde eu tinha aprendido a falar alemão, e disse que ia me interrogar novamente mais tarde.

██████████, “*Wahrheit macht frei*, a verdade o liberta.”

Quando o ouvi dizendo isso, eu sabia que a verdade não me libertaria, porque “*Arbeit*” não tinha libertado os judeus. A máquina de propaganda de Hitler costumava iludir os prisioneiros judeus com o slogan “*Arbeit macht frei*”, O trabalho liberta. Mas o trabalho não libertou ninguém.

██████████ fez uma anotação em seu caderninho e deixou o recinto. ██████████ enviou-me de volta a meu quarto e desculpou-se ██████████.*

“Sinto muito por manter você acordado[a] por tanto tempo.”

“Não faz mal!”, ██████████ respondeu.

Após vários dias de isolamento, fui transferido para o grupo geral, mas eu só podia olhar para eles porque fui colocado no estreito corredor de arame farpado entre as celas. No entanto, me senti como se estivesse fora da cadeia, e chorei agradecendo a Deus. Depois de oito meses de isolamento total, eu via colegas detentos mais ou menos na mesma situação que eu. “Maus” prisioneiros como eu ficavam acorrentados 24 horas por dia e eram colocados no corredor, onde todo guarda ou detento que passava pisava neles. O lugar era tão estreito que o arame farpado ficou me espetando durante os dez dias seguintes. Eu vi ██████████ ██████████ sendo alimentado à força; ele estava numa greve de fome de 45 dias. Os guardas estavam gritando com ele, e ele jogava um pedaço de pão de uma mão para a outra. Todos os detentos pareciam tão depauperados, como se tivessem sido queimados e ressuscitados depois de vários dias,

* O contexto sugere que as desculpas são dirigidas ao intérprete.

mas [REDACTED] era outra história, completamente diferente: era só ossos sem carne. Me fazia lembrar as imagens que se veem nos documentários sobre prisioneiros da Segunda Guerra Mundial.

Os detentos não tinham permissão para falar uns com os outros, mas gostávamos de olhar uns para os outros. A punição para quem falasse era pendurar o detento pelas mãos, os pés mal tocando o chão. Vi um prisioneiro afegão que tinha desfalecido algumas vezes quando estava pendurado pelas mãos. Os médicos “o consertaram” e o penduraram novamente. Outros detentos tiveram mais sorte: foram pendurados por algum tempo e depois soltos. A maioria dos detentos tentava falar quando estava pendurado, o que fazia os guardas duplicarem a punição. Havia um camarada afegão muito idoso que, segundo se dizia, fora preso para entregar seu filho. O sujeito era doente mental; não conseguia parar de falar porque não sabia onde estava, nem por quê. Não creio que ele estivesse compreendendo em que ambiente se encontrava, mas os guardas continuavam obedientemente a pendurá-lo. Era tão lamentável. Um dia um dos guardas o atirou de rosto no chão, e ele chorou como um bebê.

Fomos colocados em cerca de seis ou sete grandes celas de arame farpado que tinham os nomes de operações realizadas contra os Estados Unidos: Nairobi, U.S.S. Cole, Dar-Es-Salaam, e assim por diante. Em cada cela havia um detento chamado Inglês, que benevolmente servia de intérprete para traduzir as ordens aos codetentos. Nosso Inglês era um senhor do Sudão chamado [REDACTED]. Seu inglês era muito básico, e assim ele me perguntou secretamente se eu falava inglês. “Não”, respondi — mas depois se viu que eu era um Shakespeare comparado com ele. Meus companheiros pensaram que eu estava negando a eles meus serviços, mas eu só não sabia até que ponto a situação era ruim.